Um Brinquedo Igual a Gente

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO YPIRANGA MONTEIRO

TEXTO INFANTIL

Alfredo Fernandes

Registrado protocolo 3364 (Folhas 56) 3º Aditivo (1058)

Ao Mestre e amigo
Mario Ypiranga
com um abraço do
FAN nº 1
Alfredo Fernandes
Dezembro 85

EDIÇÕES ARTE-EDUCAÇÃO

TEATRO AMAZONENSE N.º 1/85

Governo do Estado do Amazonas
Secretaria da Educação e Cultura – Coordenadoria de Assuntos Culturais.

"UM BRINQUEDO IGUAL A GENTE"

de Alfredo Fernandes

PRIMEIRO ATO

CENA — Um camarim onde se encontram alguns bonecos de um teatro de marionetes. Alguns móveis, dentro do possível, devem ser especiais: Cadeiras com pernas de um metro de altura, mesa com dois metros de altura, um de largura e um e meio de comprimento, embaixo da qual os bonecos improvisam um teatrinho. Um baú com um metro e vinte de comprimento por oitenta centímetros de altura e setenta de largura, tendo como tampa uma armação leve, de vez que, o baú é moradia de um boneco que entra e sai a vontade. Um refletor montado em uma pequena torre, para ser usado em cena pelos bonecos. Um piano ou um falso piano. Cortinas amontoadas. Uma escada pequena, leve, de fácil manêjo, com que os bonecos têm acesso à cadeira. Caixas comuns em tamanho para serem usadas como assento. A esquerda alta uma porta que dá acesso a outra sala. A direita, paralelo ao fundo, cordas caídas, dando idéia de pertencerem aos bonecos, para o manêjo dos marionetes. Ao subir o pano, estão em cena o Maestro, de fraque, cabeleira, com a batuta na mão, diante de uma estante sobre a qual está uma partitura. O Maestro está localizado a direita baixa junto ao baú. A esquerda baixa o Palhaço junto ao refletor, pronto para entrar em ação. A esquerda média, junto a parede, um aparelho de som pronto para funcionamento. Ao centro a Bailarina, de pé, pronta para dançar. A sapatilha do pé direito na altura do calcanhar está enrolada com um pano de cor, para melhor caracterizar um curativo. A expressão dos personagens é de expectativa. A Bailarina demonstra nervoso.

MAESTRO — (Atitude característica) — ATENÇÃO...

BAILARINA — (Olha para o Maestro e arma os braços)

MAESTRO — LUZ!!!!

PALHAÇO — (Liga o refletor e dirige o foco para a Bailarina. Em seguida se prepara junto ao aparelho de som.)

BAILARINA — (Ao receber o foco de luz, reteza o corpo)

MAESTRO — (Erguendo a batuta) — MÚSICA!!!!

PALHAÇO — (Finge colocar o braço do toca disco ou apertar botão para funcionamento do cassete. O encarregado da sonoplastia envia som: SERENATA de Schubert.)

MAESTRO — (Começa a reger)

BAILARINA — (Movimenta graciosamente os braços e hesita no movimento das pernas sem dar um passo)

MAESTRO — (Imperativo, compenetrado e voz crescendo) — Dance....Dance....DANCE!!!

BAILARINA — (Aniquilada) — Não posso..não posso... (Esconde o rosto com as mãos e chora. O Maestro baixa a cabeça e deixa cair os braços. O Palhaço, rápido, finge desligar o aparelho de som, volta para desligar o refletor e corre para amparar a Bailarina)

PALHAÇO — (Amparando a Bailarina, que se movimenta mancando do pé ferido até um monte de cortinas onde se deixa cair, cansada e chorando.) Não chore, não chore.

MAESTRO — (Aproximando-se e confortando a Bailarina) — Não fique triste, isso acontece e é muito natural. Não é motivo para desesperar nem perder a esperança, havemos de dar um jeito.

PIVIDE
Paullete Kahané

PALHAÇO — (Animando) — O Maestro tem razão. Você ainda voltará a dançar. Tenha calma e paciência. (Pegando no pé direito da Bailarina) — Como vai o pé?

BAILARINA — (Mais calma, abatida e triste) — Colorido, ainda doi. Doi muito. Eu não poderei mais dançar.

MAESTRO — (Meio zangado) — Quem foi que disse isso? Você dançará sim senhora. Você é a primeira bailarina da Companhia. Você dançará com a mesma beleza e será aplaudida com o mesmo entusiasmo com que foi aplaudida em Paris, Londres, Lisboa Madri.

BAILARINA — Maestro, o senhor sabe muito bem que o parafuso dos meus pés é diferente, é um parafuso especial.

PALHAÇO — (concordando) — Isso é verdade Maestro. (Mostrando o pé da Bailarina) — O parafuso tem que ser retorcido para facilitar a distenção da madeira, dando movimento no pé.

MAESTRO — (Não desanimando) — Contudo. Seja lá como for, temos que ser otimistas, temos que arranjar ou encontrar um parafuso. Um parafuso igual. (Apontando para a Bailarina) — Você tem que viajar com a Companhia, tem que dançar outra vez. Você não pode ficar no baú dos bonecos para serem consertados.

PALHAÇO — Vamos esperar a volta da Pivide. É possível que ela nos traga boas notícias.

BAILARINA — Não se preocupem comigo. Eu já estou conformada.

MAESTRO — (Zangado) — Não repita mais isso. Lembre-se de que enquanto houver vida há esperança. Não esmoreça diante de qualquer problema. Você está estudando é para vencer, não é para esmorecer.

PIVIDE — (Boneca pequena, brejeira, vestida de amarelo, entrando alegre e ligeirinha) — Alô!... Alô!... Boa noite Maestro. Boa noite Colorido. (A Bailarina). Como vai Tavinha? Está melhor? (Os personagens cumprimentados respondem na hora ao cumprimento).

BAILARINA — A mesma coisa Pavide. Doi um pouco.

PIVIDE — (Enregando ao Maestro um grande cartaz que traz debaixo do braço. Em uma das mãos, Pivide segura uma garrafa pequena com água, tendo um rótulo com o título GASOLINA.) — Pronto Maestro, foi o que eu encontrei. Parece que é o anúncio da próxima temporada. Só não encontrei foi o parafuso.

PALHAÇO — Você procurou mesmo Pivide?

PIVIDE — (Sentida) — Oh! Colorido. Eu não minto. Eu procurei na caixa de sobressalentes, no depósito...procurei em todo o teatro. Só encontrei a Gasolina que você pediu. Está aqui...pegue. (entrega).

PALHAÇO — (segurando a garrafa) — Obrigado e desculpe, eu não quiz duvidar de você. É que eu ando um pouco nervoso.

PIVIDE — Eu também Colorido, eu também. (tom) Não se fala mais nisso sim?

MAESTRO — (Que se encontrava lendo o cartaz) — Meus amigos, vamos viajar. A próxima cidade em que iremos trabalhar é Manaus, no grande Amazonas.

TODOS — MANAUS?

MAESTRO — Sim senhor! MANAUS...no Brasil, finalmente iremos conhecer o maior rio do mundo, o gigante Amazonas.

PIVIDE — (embevecida) — A Vitória-Régia...

PALHAÇO — (Sonhador) — O encontro das águas...

BAILARINA — (nostalgia) — O Teatro Amazonas...

MAESTRO — Esta é uma boa notícia para o Borrachinha.

PIVIDE — (alegre) — É mesmo. Onde está o Borrachinha?

PALHAÇO — Dormindo. Ele ontem dormiu tarde, estudando as poesias. (Pousa a garrafa sobre a caixa de som.)

MAESTRO — Vamos acordá-lo!

PIVIDE — Vamos. (Todos se dirigem para o baú que está a direita, junto a parede. A Bailarina vai mancando, amparada pelo Palhaço. Maestro sobe num banco e abre a tampa ajudado pelos outros).

MAESTRO — (Chamando) — Ei! Borrachinha!

PIVIDE — (forte) — BORRACHINHA!

PALHAÇO — Acorda Borrachinha.

BAILARINA — (Batendo no baú) — Ei! Acorda.

BORRACHINHA — (Boneco de borracha, bem vestido. Um menino autêntico pela indumentária) — Oi! (aparecendo) — Oi! O que é que há? É alvorada é?

MAESTRO — Alvorada de noite? (todos riem) — Escuta Borrachinha... A Companhia vai para a tua terra, para tua cidade...

BORRACHINHA — (Abre a boca de espanto) — Anh!...!

PIVIDE — (Com satisfação) — Para o Amazonas Borrachinha.

PALHAÇO — Só quero ver se é como você conta.

BAILARINA — O Teatro de lá é mesmo bonito?

BORRACHINHA — (Eufórico. Saindo de dentro do baú na maior pressa possível.) — O senhor está falando sério Maestro? É verdade mesmo? Vocês não estão brincando não?

TODOS — Não Borrachinha. É a pura verdade.

MAESTRO — Olha o cartaz. (Mostrando e lendo) — NO TEATRO AMAZONAS. BREVE: A MAIOR COMPANHIA DE MARIONETES DO MUNDO. — APRESENTANDO OS PRINCIPAIS BONECOS DO ELENCO: — MAESTRO GROSSI E SUA ORQUESTRA SINFÔNICA. — PIVÍVE A VIRTUOSE DO PLANO. — COLORIDO, O PALHAÇO TRISTE. — BORRACHINHA O POETA DO FOLKLÓRE E TAVINHA...(Neste ponto, ouve-se em fundo a Serenata de Schubert) — ...A PRIMEIRA BAILARINA DA COMPANHIA, CONSAGRADA EM TODA A EUROPA.

BAILARINA — (Baixa a cabeça, perde a alegria e sai mancando em direção ao monte de cortinas onde se joga em choro convulso) — Não posso ir...Não posso dançar...não posso... (Música em fundo "Serenata" sobe).

MAESTRO — (Arria os braços e deixa o cartaz cair no chão, baixa a cabeça e juntamente com o Palhaço e a Pivide e se encaminham para junto da Bailarina.)

BORRACHINHA — (Triste, junta o cartaz, levanta-se para ler, baixa os braços e sai arrastando o cartaz no chão em direção ao baú. Limpa uma lágrima com a costa da mão enquanto a cortina inicia o fecho do primeiro ato, com música "Serenata" em ton alto.)

SEGUNDO ATO

CENA — (A mesma cena do primeiro ato. Em cena apenas o Borrachinha e a Bailarina. A Bailarina sentada no monte de cortinas. Borrachinha sentado sobre uma caixa. Abre a cortina.)

BORRACHINHA — Então? Gostou?

BORRACHINHA
Paulo Roberto Vieira da Rocha

Amm 1413

SCC-39592
-3210-

BAILARINA — Muito. É formidável. Linda. Como é mesmo o nome?

BORRACHINHA — A Lenda do Guaraná.

BAILARINA — Tua terra é fabulosa Borrachinha. Aqui na Europa eu sempre ouvi falar no Amazonas, na grandiosidade dos seus rios, na riqueza da selva, na força dos seus animais selvagens e na beleza de suas flores, de árvores gigantes e principalmente no Teatro. Quando foi inaugurado o Teatro Borrachinha?

BORRACHINHA — O Teatro Amazonas foi inaugurado no dia 31 de Dezembro de 1896, na época auréa da Borracha.

BAILARINA — (Interessada) — Conta mais, conta Borrachinha. Declama. Você não é o Poeta do Folklóre? Só para mim Borrachinha, declama.

BORRACHINHA — (Levantando-se) — Bem. Só pra ti hein! Vou declamar: TARUMÃ.

BAILARINA — Começa.

BORRACHINHA — Lá vai. (declama):

O índio Manau na igarité
Alegre remava pelo igarapé
Na curva do lago seu remo partiu
E do fundo das águas a Yara surgiu.
Fitando o caboco a Yara encantou
E o bravo guerreiro se enamorou
E dêsse romance que a tribo falava
O bravo guerreiro de amor definhava.
Num dia de lua o guerreiro partiu
E desde êsse dia a tribo não viu
O bravo guerreiro que a Yara encantou
E que nos seus braços a morte encontrou.
E o mito da Yara pela selva ecoou
E aos curumins todo pajé contou
Que a tribo tristonha uma certa manhã
Mudou de lugar e deixou o Tarumã.

BAILARINA — (Batendo palmas) — Bonito Borrachinha. Bonito mesmo. (tom) Ah! como eu gostaria de conhecer o Amazonas, dançar no Teatro. (triste) Sempre foi o meu sonho Borrachinha.

BORRACHINHA — (Confortando) — Não fica triste. O Maestro foi procurar o parafuso, junto com a Pavide e o Colorido.

BAILARINA — Não adianta Borrachinha. É um parafuso especial. Eu perdí na última temporada. Só mandando fazer outro. (triste) Vocês vão e eu fico. Quando voltarem talvez me encontrem no baú dos bonecos escangalhados. Você sabe que nunca consertam os bonecos escangalhados. Fazem outro e os defeituosos ficam esquecidos no baú.

BORRACHINHA — Tavinha, não fale assim. Eu não gosto de te ver triste. Você vai conosco. Você vai dançar no Teatro do seu sonho. (tom) Noite de Gala na estréia. Recepção no Salão Nobre, refletores acêsos. Cúpula iluminada...

BAILARINA — Chêga Borrachinha. Não fale mais. Isso me faz mais triste ainda. (chorosa) — O que é que eu faço Borrachinha? Tenho rezado tanto...(esconde o rosto com as mãos, deixa-se cair sobre as cortinas e chora).

BORRACHINHA — (Carinhoso) — Não chora Tavinha. Não fica triste, você vai conosco. (Querendo animar a Bailarina) — Escuta! Olha os cartazes. (Vai buscar no baú cinco cartazes, sendo um de cada cor, com o nome de um boneco e suas qualidades artísticas, mostra por ordem e vai anunciando): MAESGRÓSSI E SUA ORQUESTRA SINFÔNICA. (Mostrando outro) PIVIDE A VIRTUOSE DO PIANO. (Mais outro) COLORIDO, O PALHAÇO TRISTE, (outro) BORRACHINHA (Tom) Chi! Olha o meu nome aqui! O POETA DO FOLKLÓRE. (mostrando o último) — Olha o teu... (tom) Escuta. Na estréia quando eu for anunciar eu vou dizer com toda força: E AGORA RESPEITÁVEL PÚBLICO... (Nesse ponto, a Bailarina silencia o choro e entra no topor do sono) É COM ORGULHO QUE APRESENTO (Ênfase): TAVINHA, A PRIMEIRA BAILARINA DA COMPANHIA, CONSAGRADA EM TODA A EUROPA. (Perguntando) — Que tal? (Observa e vê que a Bailarina já está dormindo).

MAESTRO — (Entrando, acompanhado do Colorido e da Pivide. Vêm tristes. Borrachinha com um dedo nos lábios faz sinal de silêncio. Ficam em silêncio olhando para o Borrachinha, que advinha.)

BORRACHINHA — Já sei. Nada. (Junta os cartazes e vai guardar no baú).

MAESTRO — Nada Borrachinha. Infelizmente nada. Estou cansado meus amigos, preciso dormir. (Procura um lugar pra dormir e deita-se).

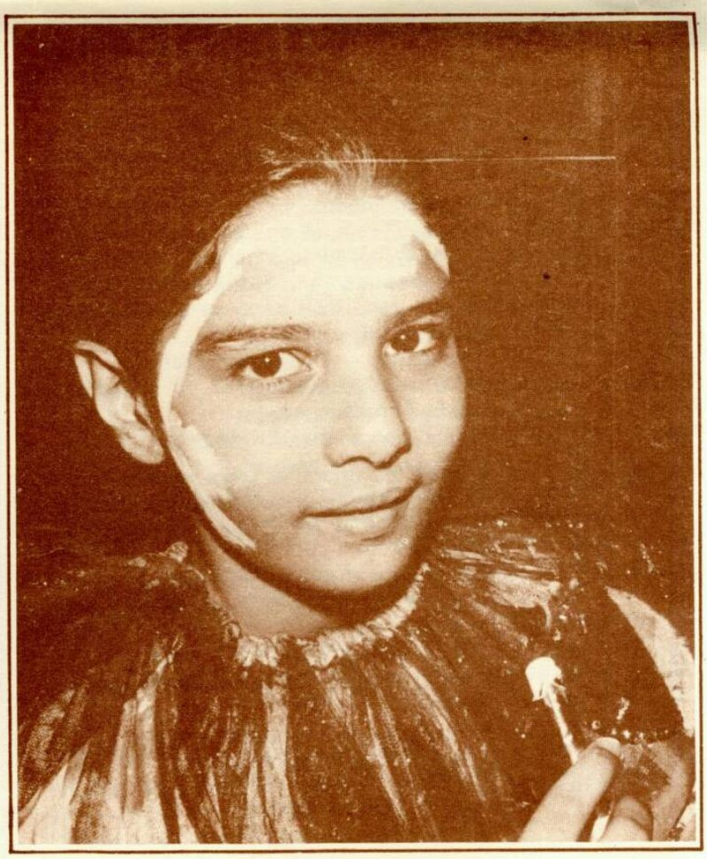
COLORIDO — Ouvimos dizer que amanhã o senhor Bruno vai começar a separar os bonecos que estão em condições de viajar. Amanhã temos que estar no camarim principal junto com os outros. (Tom) Também estou cansada Borrachinha, procuramos muito e não encontramos o parafuso pra Tavinha. Boa noite. (Acomoda-se, também, deita-se e dorme).

PIVIDE — (aproximando-se, triste) — É pena Borrachinha, a Tavinha tem tanta vontade de dançar outra vez. Amanhã temos que ir embora, temos que ir para o camarim principal, não podemos mais ficar aqui fazendo companhia para a Tavinha. (abrindo a boca) — Que sono Borrachinha, que sono.

BORRACHINHA — Vai dormir Pivide, eu estou sem sono. (tom) De quem é aquela garrafa? (aponta a garrafa encima da caixa de som).

PIVIDE — (Assustada) — Ah! Sai de perto. Aquilo é Gasolina para o Colorido tirar mancha da roupa dele. Sai de perto,. Se cair Gasolina em cima de tí já viu não é?

BORRACHINHA — (Assusta-se e afasta-se um pouco) — Eu



PALHAÇO
Maura Bianco

sei Pivide, eu sei... Eu sou de borracha e a Gasolina me deforma.

PIVIDE — Exatamente. Portanto vai saindo de perto desse veneno. (Tom) Borrachinha. (Abrindo a boca). Eu acho que ontem deixei o meu pente encima da cadeira. (dengo) Quer ir buscar pra mim maninho? Eu estou tão cansada. (Abre a boca de sono).

BORRACHINHA — Está bem Pivide, eu vou. Mas vê se tu arranja outro lugar pra guardar pente sim? (Pega a escada, encosta na cadeira, sobe, apanha o pente e quando vai descer, Pivide se espanta).

PIVIDE — (Espantada) — Borrachinha!... (Pega no calcanhar do pé direito do Borrachinha.)

BORRACHINHA — (Ainda na escada, parado) — O que foi?

PIVIDE — (espanto) O Parafuso...O parafuso Borrachinha. O parafuso do teu pé direito é igual ao da Tavinha. É parafuso retorcido Borrachinha.

BORRACHINHA — (Desce, entrega o pente e já no chão olha o seu calcanhar do lado direito) — Será mesmo Pivide? Eu nunca reparei.

PIVIDE — (abaixada, olhando) — É sim Borrachinha. Ninguém mais tem um igual. E é um só. O outro é igual aos meus. Vem ver o da Tavinha. (Aproximam-se da Bailarina que dorme e observam a outra sapatilha.)

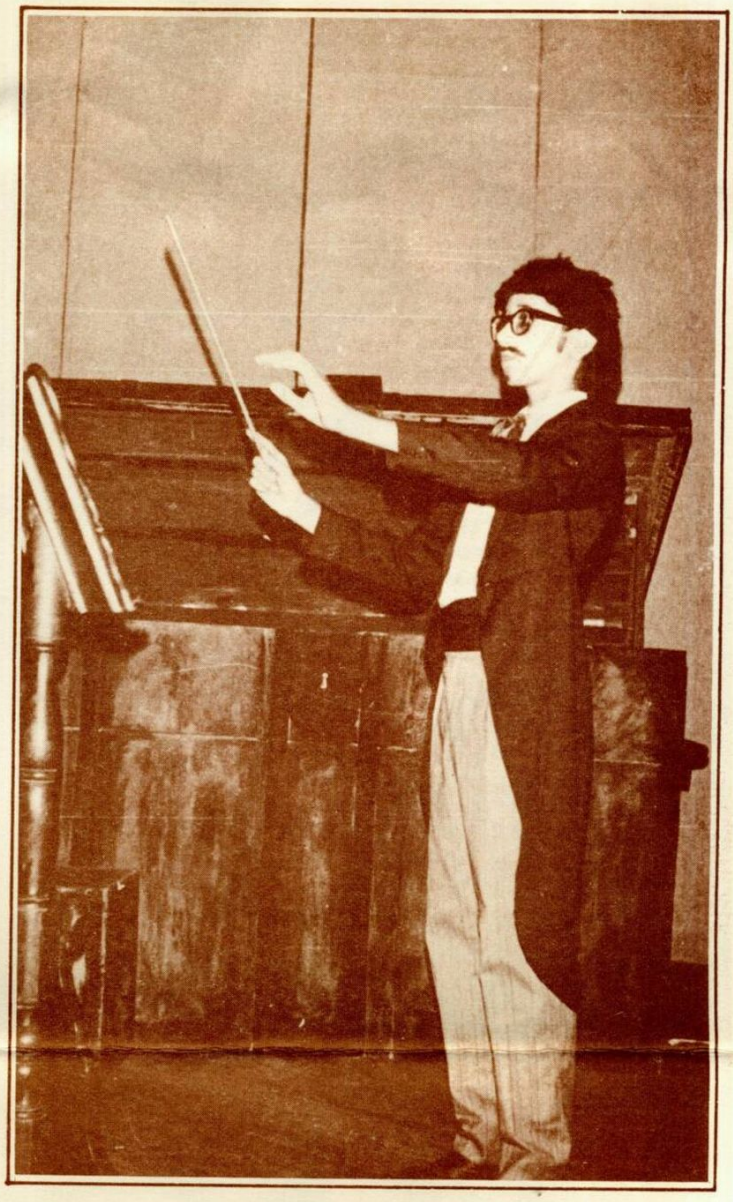
BORRACHINHA — É mesmo, o parafuso do meu pé direito é igualzinho.

PIVIDE — Vê como são as coisas. Também eu não sei como foi pra Tavinha perder esse parafuso. Já procuramos tanto. (Abrindo a boca) Borrachinha, eu não aguento mais, estou com muito sono. Eu vou dormir. Até amanhã Borrachinha. (procura um lugar, deita-se e dorme).

BORRACHINHA — (Pensativo) — Até amanhã Pivide. (Ouve-se em fundo "SERENATA" de Schubert Borrachinha fica andando de um lado para o outro. Aproxima-se da Bailarina e observa mais uma vez a sapatilha. Vem para o meio de cena, senta-se no chão e observa bem o seu calcanhar do pé direito. Olha mais uma vez para a Bailarina e toma uma decisão, começa a forçar o parafuso do seu calcanhar querendo tirá-lo. Faz força. Torce, distorce, cansa e não consegue. Olha para os lados e dá com a garrafa de gasolina. Levanta-se aproxima-se da garrafa e estende o braço para pegar, hesita, resolve e pega a garrafa. Senta-se novamente no meio de cena. Abre a garrafa e derrama um pouco sobre o calcanhar para amolecer a borracha e torna a forçar a retirada do parafuso. Derrama mais um pouco, força e arranca o parafuso. Ofegante, observa o parafuso. Tampa a garrafa e vai se arrastando colocar a garrafa no lugar. Depois, ainda se arrastando vai até junto da Bailarina e coloca o parafuso perto dela. Volta e vai para o baú, sempre se arrastando, sem nenhum movimento na perna direita. Sobe com dificuldade, expressão de sofrimento, vai se deixando arrastar para dentro do baú, mostrando respiração arquejante. A música de fundo sobe o volume e a cortina vai correndo lentamente para terminar o segundo ato.

TERCEIRO ATO

CENA — (Mesmo cenário. Maestro, Palhaço, Boneca e Bailarina estão dormindo. Borrachinha dentro do báu, não aparece. Bailarina acorda normalmente, boceja, senta-se, ajeitando as cortinas do chão dá com o parafuso, se espanta, pega o parafuso, examina e não acreditando no que vê, chama os outros em tom de alegria e excitação.)



MAESTRO GROSSI
Hugo Levy Filho

BAILARINA — (Chamando) — Maestro! Maestro!...Maestro!...

MAESTRO — (Acordando assustado) — O que foi?

PIVIDE — (Também acordando) — Quem chamou?

PALHAÇO — (Ainda sonolento) — O que aconteceu?

BAILARINA — (Alegre e nervosa) — Venham ver...venham ver...(Mostrando o parafuso a todos que se aproximam) — O que é isto?...O que é isto Maestro?

PIVIDE — (Pegando o parafuso e espantada) — O parafuso...(Mostra ao Maestro) — O parafuso Maestro.

MAESTRO — (Pegando e examinando) — Não é possível...o parafuso.

PALHAÇO — Onde estava Tavinha? Onde estava?...

BAILARINA — (Chorando de alegria) — Estava aqui... aqui...acho que estava perdido entre as cortinas, deve ter ficado preso desde a última temporada. É um milagre Maestro, é um milagre.

PIVIDE — (Alegre) — Maestro, coloque o parafuso, coloque.

MAESTRO — (De costas para o público, abaixado, trata da operação. Tira o pano de atadura e escamoteia o parafuso.) Experimente Tavinha, experimente. Está pronto.

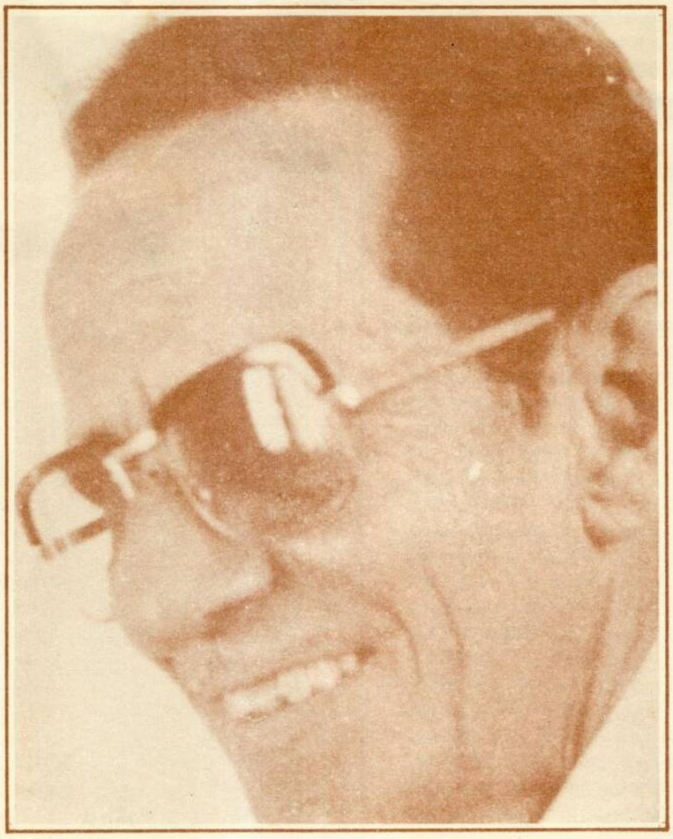
PALHAÇO — (Ajudando a Bailarina a se por de pé.) — Experimente Tavinha. Ande!

PIVIDE — Ande Tavinha...ande!

aplausos enviado pela sonoplastia. PIVIDE agradece com inclinação, dirige-se para o piando. Foco de luz acompanha os movimentos da PIVIDE que senta-se, abre o piano, enxuga as mãos com um lencinho e faz a dublage da execução de POLONAISE de Chopin, com som enviado pela sonoplastia. Depois de alguns instantes, na parte mais vibrante da POLONAISE, ouvem-se aplausos que vão diminuindo juntamente a música e o foco de luz até cortar por completo e imediatamente é jogado a luz azulada sobre o Borrachinha. PIVÍDE sai de cena aproveitando o escuro da cena, como fez o Maestro. Borrachinha está de cabeça baixa, demonstrando sofrimento, faz um esforço e tira outro cartaz de cor verde com letras brancas onde se lê: COLORIDO. O PALHAÇO TRISTE, Borrachinha anuncia:) — COLORIDO... O PALHAÇO TRISTE. Um foco de luz rósea é jogado no meio da cena e surge o Palhaço COLORIDO sobraçando um grande bouquê de balões e é recebido por estrepitosas gargalhadas, em som enviado pela sonoplastia. O Palhaço COLORIDO sem jeito, inclina-se em agradecimento. Novamente gargalhadas. COLORIDO afasta os balões e mostra o rosto. Mais gargalhadas. COLORIDO articula uns trejeitos e espoca um balão com alfinete, ouvem-se novamente gargalhadas que vão diminuindo juntamente com o foco de luz até cortar completamente. O Palhaço aproveita o escuro e sai de cena. Foco de luz novamente sobre o Borrachinha que agonizando faz um esforço supremo. Tira o último cartaz de cor branca com letras em azul, anunciando a BAILARINA: TAVINHA, A PRIMEIRA BAILARINA DA COMPANHIA. Borrachinha, num esforço se ergue um pouco e anuncia.) — E... AGORA... A GRANDE ATRAÇÃO DA NOITE... ELA... TAVINHA... A PRIMEIRA BAILARINA DA COMPANHIA... CONSAGRADA EM TODA A... EUROPA... (Pende bruscamente a cabeça, reteza o corpo e vai escorregando lentamente para dentro do baú. O foco de luz sobre o Borrachinha se apaga no mesmo instante em que é lançado um foco de luz vermelha no meio de cena. A Bailarina entre no foco de luz. Ouvem-se aplausos enviados pela sonoplastia A Bailarina agradece sob aplausos. O foco de luz varia as cores. Os aplausos cessam lentamente. Ouve-se O CYSNEde Saint-Saens, Som enviado pela sonoplastia. A Bailarina começa a dançar. As cores do foco de luz vão mudando. A Bailarina dança. Depois de uns instantes, mais demorados do que os apresentados pelos outros personagens, na parte musical que se achar propicia a cortina dá sinal de fecho, ouve-se aplausos enviados pela sonoplastia. A música O CYSNE sobe de volume. Crescem os aplausos e a cortina corre lentamente para terminar o terceiro e último ato de UM BRINQUEDO IGUAL A GENTE.)

"UM BRINQUEDO IGUAL A GENTE" peça infantil de Alfredo Fernandes foi apresentada pela primeira vez no Teatro Amazonas na noite de 21 de maio de 1966 integrando o 2.º Festival de Teatro Infantil, com o seguinte elenco:

MAESTRO ..... Hugo Levy Filho
BAILARINA ..... Thétis Araújo
PIVÍDE ..... Paulete Kahané
PALHAÇO ..... Maura Bianco
BORRACHINHA ..... Paulo Roberto V. Rocha



ALFREDO Bento da Silva FERNANDES, é amazonense nascido em Manaus no signo de Aries, seu campo inicial foi o Corpo Cênico do Luso Sporting Clube, levado por Américo Alvarez de quem foi aluno, amigo e parceiro. É sócio da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais desde 1954. Integrou o elenco do Teatro Escola Amazonense de Amadores onde interpretou ESOPO de Guilherme Figueiredo e João Grilo no AUTO DA COMPADECIDA de Ariano Suassuna. Na presidência do Teatro Amazonas de Comédias, encenou no Teatro Amazonas O SOLAR DOS URUBUS de Paulo Magalhães. Em dezembro de 1952 estreiou na Maloca dos Barés, auditório ao ar livre da Rádio Baré, a sua peça infantil "LÁGRIMAS DE BRINQUEDO". Foi diretor do Teatro Amazonas onde realizou o seu festival de Teatro Infantil encenando suas peças. "A BRUXA DE LOUÇA", "UM BRINQUEDO ATRÁS DA PORTA", "DOIS ANJINHOS DE CASTIGO" e "UM BRINQUEDO IGUAL A GENTE". Autor da seára infantil, Alfredo Fernandes é um dos poucos veteranos do amadorismo em nossa terra, para quem o Teatro não tem segredos. Suas realizações e participação na ribalta, no rádio e na televisão é um livro pra depois.

Editado em agosto de 1985, na Administração do Excelentíssimo Senhor Professor Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo, Governador do Estado do Amazonas, e da Professora Freida de Souza Bittencourt, Secretária de Estado da Educação e Cultura.
Manaus, Amazonas, Brasil.
Projeto Visual e Editorial: Sérgio Vieira Cardoso, Coordenador de Assuntos Culturais.

As Edições Arte Educação objetivam a produção de trabalhos com os autores locais, para a divulgação e o conhecimento dos estudantes e da comunidade amazonense.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
COORDENADORIA DE ASSUNTOS CULTURAIS.
Governo Gilberto Mestrinho

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de
Cultura e Economia Criativa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM

CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA